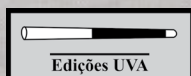


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

*Nossa Gente,
Nossa História*
O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019.
294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeadas em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groaíense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920)

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara¹

A cidade de Alcântaras-CE: apontamentos necessários

O objetivo deste estudo é perceber as memórias que existem em torno dos casarões antigos localizados na cidade de Alcântaras-CE², entendendo-os como espaços de trabalho de homens e mulheres. Identificamos que no sítio Algodões moravam pessoas de influência política desta cidade no século XX, tornando-se assim, fundamental perceber as relações existentes entre as alianças políticas e o trabalho que existia nas redondezas em torno dos casarões. Para desenvolver este estudo, foi necessário ouvir os relatos e memórias de trabalhadores, que diferiam entre moradores, rendeiros e agregados e que mantinham laços e relações com seus patrões.

85

Michel de Certeau, em seu livro *Escrita da História*, ao nos questionar “O que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? O que produz?”³, lança a campo uma série de questionamentos necessários para o fazer historiográfico. Sendo a história um produto, ela não está acabada, muito menos limitada às datas, nomes e homens de renome, sendo necessário ir além da historiografia oficial. O trabalho do pesquisador exige uma lida com um espaço e um tempo específico, tendo assim a “particularidade do olhar de onde falo e o domínio que realizo uma investigação”⁴, isso se deve à relação da pesquisa historiográfica com um lugar, ou seja, o texto é produto de um lugar social.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Sobral-CE. Bolsista do Programa de Educação Tutorial PET-HISTÓRIA-UVA.

² As primeiras notícias do território de Alcântaras, anteriormente denominado Sítio São José, fazem referência ao casal José de Araújo Costa e sua esposa, Brites de Vasconcelos. Somente no ano de 1898 que se teriam referências à construção da primeira casa de tijolo do Sítio São José, que atualmente corresponde ao local onde está situada a Casa Paroquial.

³ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História In: A Operação Historiográfica*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 65.

⁴ *Idem*.

Será justamente no considerado período republicano, período em que muitas transformações culturais, políticas e sociais ocorriam no Brasil, que teremos notícias das construções dos primeiros casarões da cidade de Alcântaras. Será nesse período também que a cidade terá seu território desmembrado de Meruoca, e conseqüentemente os moradores da região passaram a se identificar como alcantarenses e a se sentirem como parte integrante daquele território. Notamos no Sítio Algodões, localizado na cidade de Alcântaras, a presença de casarões⁵ com uma arquitetura no estilo neocolonial⁶. Foram essas casas que possibilitaram à realização deste estudo, percebendo estes espaços para além de uma arquitetura detalhada, identificando deste modo as sociabilidades e alianças entre trabalhadores e donos de grandes propriedades de terra.

86 | Observa-se que na sede da cidade de Alcântaras são escassas ou quase inexistentes casas que conservem suas características originais, com uma arquitetura detalhada do século XX. Uma das poucas que ainda mantêm alguns traços originais é a casa que pertenceu ao primeiro prefeito da cidade, Roberto Ximenes Aragão⁷, localizada em frente à praça João Capistrano⁸ (Praça da Igreja Matriz). No entanto, a mesma já passou por várias reformas que alteraram sua estrutura. A partir dessas análises, surgem questionamentos sobre a ausência de casas antigas no considerado “centro” da cidade de Alcântaras, que se tornou centro porque foi onde se instalou a família de João Capistrano e foi onde ele ergueu a capela em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, capela esta que deu origem ao espaço da atual Igreja Matriz.

Estas informações nos possibilitam adentrarmos na ideia da suposta “modernização” ou “progresso” da cidade, que nos ajuda a pensar sobre o modo como estão sendo tratadas essas edificações arquitetônicas antigas que se constituem como parte do patrimônio histórico da cidade. Cabe a nós historiadores fazermos destes espaços objetos de estudo que nos permitam entender nosso passado e problematizá-lo.

O estudo desses casarões pode nos falar da situação econômica, política e social do Brasil e do Ceará em determinado período. Desconstruindo este espaço, percebemos que “a casa é muito mais que um emaranhado de barro, taipa, telhas, palhas e madeiras, e deve também ser compreendida a partir dos seus significados sociais”⁹. Elas podem falar sobre a condição dos mora-

⁵ O casarão mais antigo que conseguimos encontrar data do ano de 1907 e era pertencente a Domiciano Gomes, grande proprietário de terras da região.

⁶ Esse estilo resgatou a arquitetura e motivos decorativos típicos da época colonial e empregou-os na arquitetura contemporânea. As principais características da Arquitetura Neocolonial podem ser observadas, por exemplo, no uso de azulejos, treliças, os beirais, as varandas e os pátios ensolarados.

⁷ Esteve no poder do ano de 1959 a 1962.

⁸ Considerado pelos memorialistas o fundador da cidade de Alcântaras.

⁹ LEMOS, Carlos. *História da Casa Brasileira*. São Paulo, Ed. Contexto, 1989, p. 87.

dores, sobre os espaços de sociabilidade, sobre a ideia de morada; a própria estrutura dos quartos pode dizer sobre a relação afetiva existente na época. A presença de muitos armadores¹⁰ pode revelar se as pessoas dormiam muito em rede ou se preferiam camas, a mobília pode informar sobre as condições sociais da família e suas posses.

Como mencionado, o Sítio Algodões, atualmente pertence à cidade de Alcântaras, no entanto, durante muito tempo o atual núcleo urbano da cidade, era denominado de Sítio São José, e ambos os sítios pertenciam à cidade de Meruoca. Através das leituras e estudos feitos sobre os primeiros moradores do referido sítio, identificamos que a família Albuquerque habitava o Sítio Algodões. Segundo o historiador Francisco Sadoc de Araújo: “João Bento de Albuquerque residia no Sítio Algodões, na Serra da Meruoca [...] era chefe político do Partido Liberal.”¹¹ Segundo Vasconcelos “a família Albuquerque é a grande povoadora do Sítio Algodões”¹², essa família estabeleceu relações de variadas formas, os casamentos das filhas de João Bento de Albuquerque eram realizados com tenentes, doutores, generais, que tinham suas raízes no sítio Algodões, mas que iam embora para outros estados e outras cidades¹³.

Ainda abordando a relação das posses de terras dos Albuquergues na Serra da Meruoca, identificamos que Gabriel Ponciano de Albuquerque era um dos grandes proprietários de sítios de plantar lavoura na referida serra. Ao analisarmos o estudo de remanejamento do Ceará¹⁴, foi possível perceber que Ponciano agregava muitos moradores e rendeiros que viviam e produziam em suas terras, desse modo, vemos o quanto a terra era um bem precioso e sinônimo de riqueza. No entanto, não se bastava ter terras, era necessário ter trabalhadores que as tornassem produtivas, era preciso expandir territórios e desenvolver atividades de acordo com as possibilidades do ambiente.

Como nos afirma Lilia Schwarcz e Heloísa M. Starling, para realizar a pesquisa histórica é preciso “penetrar num tempo que não é nosso [...] sentir com os sentimentos de outras pessoas [...]”¹⁵. Estudar a relação de sujeitos históricos com seus espaços requer “reconhecer o caráter inconcluso da história”, dessa forma, para reconhecer essa inconclusão que permeia a narrativa histórica, adentraremos nas memórias dos variados sujeitos.

¹⁰ Peças de ferro encaixadas nas paredes das casas usadas para armar redes de dormir de uma extremidade a outra.

¹¹ ARAÚJO, F. Sadoc de. *Cronologia Sobralense*. Volume III. 2ª Ed. Edições ECOA, 2015, p.137.

¹² DIOGO, Berton Vasconcelos. *Alcântaras III Séculos de História*. Edição do autor. 2016, p.73.

¹³ Cf. *Idem*.

¹⁴ FROTA, Luciana S. de Aragão (Org.). *Estudo do Remanejamento da Pecuária na Zona Norte do Estado do Ceará*. Fortaleza: SUDEC, 1974.

¹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING Heloísa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 1º ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2015, p. 20.

“Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”: o trabalho e a memória

A memória é importante para a compreensão de uma possível relação identitária. Sabendo das diversas estratégias que existem para lembrar ou esquecer, é necessário destacar a necessidade de abordar os registros das lembranças. No entanto, devemos nos ater na observação de que a história oral não é um instrumento de mudança da realidade, e sim uma forma de explicá-la, como ela foi moldada e os fatos que contribuíram para sua formação. Não obstante, se relacionarmos com a própria história, veremos que a história oral pode ser um meio de transformar seu conteúdo e sua própria finalidade.

A história oral [...] pode ser utilizada para alternar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação, pode derrubar barreiras que existiam entre gerações entre instituições educadoras e o mundo exterior e na produção história¹⁶.

88 | A história oral neste estudo ajuda-nos a perceber a memória do trabalho das pessoas que atualmente ainda residem no Sítio Algodões. Faz-se necessário que discutamos o sentido deste trabalho e a que ideia está associado. Ao estudarmos esses casarões como espaços de sociabilidades e de trabalho, falamos daquelas pessoas que trabalhavam pela sobrevivência, como os próprios entrevistados mencionavam: “trabalhava por um prato de comida”.

Retomando questões já apresentadas, as inquietações estavam relacionadas aos três casarões principais existentes no Sítio Algodões. Esses casarões mostram uma estrutura forte, os donos já morreram e eles ficaram nas mãos de “moradores”. O casarão que pertenceu a José Pompílio Aragão, conhecido como Zuza, atualmente é cuidado pela nora do falecido, enquanto o casarão que era de propriedade de Zeca Tomás hoje é a casa de morada de um casal que não tem nenhuma relação familiar com os primeiros donos, e o casarão que pertenceu ao falecido Domiciano Gomes atualmente está sendo cuidado pela família do falecido.

Dentro desses espaços é possível perceber a presença de móveis de madeira, que apesar do tempo continuam em um ótimo estado. A presença de quadros de santos também é marcante, evidenciando o catolicismo dos moradores e dos primeiros proprietários; em todos os quartos havia camas, e o quarto do casal das três casas observadas eram os mais luxuosos. Nestes casarões, as calçadas eram bem altas feitas de pedras, onde podemos observar

16 BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 6ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 20.

um distanciamento do chão, o que permitia à casa uma altura privilegiada em comparação com as demais.

Os questionamentos principais que propiciaram chegar ao estudo dos casarões no Sítio Algodões foram: quem construiu essas casas naquele período? As pessoas que trabalhavam na construção ganhavam o que em troca? Os donos das casas, os donos das terras faziam o trabalho braçal? Segundo um dos entrevistados, "essas casas antigas só foi levantada à custa dos escravos, botava eles pra trabalhar. O dono da casa não tinha condições de levantar uma casa dessa daqui, tudo foi às custas dos escravos"¹⁷.

A palavra escravo, acima mencionada na fala de Raimundo Xavier, remete à ideia de um trabalho pesado, com pouco ganho. Quando questionado sobre o trabalho, a venda e compra de terras e sobre como funcionou esta questão no Sítio Algodões, Seu Raimundo respondeu:

Trabalhavam por um milheiro de feijão, como esse pessoal mais pobre que tinha era dono dessas terras, esse pessoal que tinha mais poder, esses pobres não tinha nada e então vendiam a terra por um litro de feijão, um litro de farinha. Aqui tinha uma mulher, era a Luzanira, e tinha um véim lá do Benedito que tinha terra, ela comprou as terras dele todas nessa arrumação, por um litro de farinha, um litro de feijão¹⁸.

| 89

A partir dessa fala podemos perceber as relações estabelecidas nas vendas de terras. As pessoas mais pobres que haviam pioneiramente ocupado o espaço e tinham uma forma própria de lidar com aquela terra, muito possivelmente de subsistência, negociavam as terras com as pessoas que tinham mais posses. No entanto, os mais ricos sentiam a necessidade de expandir suas posses, para ter mais produção, ou seja, a terra acabava sendo negociada pelas pessoas mais pobres de acordo com suas necessidades. O entrevistado, Raimundo Xavier, trabalhou para José Pompílio Aragão¹⁹, conhecido como "Seu Zuza", que era um grande senhor de terras, tinha muitos trabalhadores e moradores, tendo sido proprietário de um dos casarões citados neste estudo. Na entrevista, relata:

Eu também trabalhei, trabalhei pro Zuza ali, eu trabalhei na base de 8 anos, não ganhava nada não, minha família trabalhava pra eles. O pai, a mãe trabalhava na cozinha deles. Tinha muito gado nesse tempo. Trabalhava demais. Quando nós chegava em casa pra almoçar, a hora mais cedo que tinha

¹⁷ Raimundo Xavier Braga, 65 anos, agricultor, morador no casarão do falecido Zeca Tomás. Entrevista realizada pela autora em 16/09/2017 na residência do entrevistado.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ Foi candidato a prefeito na primeira eleição do município de Alcântaras.

era 10 horas da noite, a hora mais cedo, às vezes era 1 hora da manhã. Era de manhã. Sem tomar água, às vezes nem café num tinha. Do jeito que amanhecia o dia nós ia. Minha vida era trabalhar de graça pra eles. Estudar eu não tinha direito de estudar. Eu nunca fui na minha vida numa escola, a coisa que eu tinha mais vontade, tinha não, tenho, era aprender ler, fazer pelo menos meu nome que eu não sei. Quando falava com o véi, ele mesmo não deixava. As minhas irmãs, elas não sabem de nada porque elas não queriam, elas não se interessavam. Agora eu era porque eles não deixavam eu ir, pra trabalhar, pra trabalhar pra eles, eu queria ter aprendido alguma coisa na vida. Eu não tinha vontade de enricar, eu não tinha vontade de me casar, eu queria estudar. A gente não pode ter inveja dos outros, mas disso daí eu tem²⁰.

A partir da fala do entrevistado, podemos analisar o tempo de trabalho e as condições às quais estavam submetidos os trabalhadores da região de Alcântaras no período em estudo. Percebemos que o trabalhador não fazia outra coisa além de trabalhar e o que ganhava era o básico para a sobrevivência. O entrevistado fala ainda sobre o desejo que tinha de estudar, e o patrão não deixava, segundo ele era mais fácil as mulheres aprenderem a ler do que os homens, uma vez que o trabalho delas era mais leve. Desse modo, identificamos uma diferença do trabalho destinado aos homens e às mulheres.

90 | As mulheres no Sítio Algodões trabalhavam principalmente nas casas de famílias, exercendo atividades diferentes da dos homens. A entrevistada afirma que:

Não tinha Prefeitura, a Prefeitura era só para os ricos, não dava vez ao pobre arrumar um meio de vida não. Eu acho que eu ainda cheguei a esse tempo dos escravos, trabalhei, trabalhei 9 anos na casa dos ricos, nunca arrumei nada, eu sou desse tempo²¹.

A entrevistada reconhece o trabalho desempenhado na sua adolescência como “ser escravo”, que mesmo não estando nas piores condições, nem sofrendo maus tratos físicos, a pobreza reinava e o único meio era trabalhar para as pessoas de mais posses, para os “donos de terras”. Muitos dos trabalhadores viviam ainda na condição de “alugado”, que era aquele que morava na terra e tinha que torná-la produtiva. Demonstrando as estratégias usadas para a sobrevivência, a entrevistada afirma: “se a gente fosse viver só do alugado, a gente passava fome. Todos os anos meu marido fazia roçado. Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”²².

²⁰ Raimundo Xavier. Entrevista já citada.

²¹ Katia Nunes da Silva, 58 anos, esposa de Raimundo Xavier Braga, moradores do casarão do falecido Zeca Tomás. Entrevista realizada pela autora em 16/09/2017 na residência dos entrevistados.

²² Rita Diniz Ferreira, 77 anos, aposentada. Moradora nas terras do falecido José Pompílio Aragão. Entrevista realizada pela autora em 16/09/2017 na residência da entrevistada.

Trabalhar com a memória é trilhar um caminho de lembranças, imaginação e de vivências. Os pesquisadores necessitam destes sujeitos com suas memórias; não devemos naturalizar a história e as suas mudanças, elas não nascem prontas, passam por um processo, uma metamorfose que se encaixa em um tempo, mas não se limita a ele:

A memória ajuda a refazer e a preservar o lugar, por meio de lembranças afetivas de relações familiares, caseiras e privadas, que se estendem pelas ruas num entreter diário de desencontros, na circulação pelo bairro, nas lojas, nos bares onde os homens se encontram para descansar, conversar e fumar, nos locais de brincadeiras das crianças, nos locais de culto, etc.²³.

O trabalho realizado por estes trabalhadores agregados e rendeiros em torno das casas grandes e de seus donos eram diversos. Além das casas para a morada, cada casarão possuía uma casa de farinha e um engenho. Como trabalhavam essas pessoas que moravam nestas terras? Que atividades desenvolviam? Quais os interesses destes sujeitos? Seu Raimundo Xavier fala:

Trabalhava nos sítios, nos engenhos. Nesse tempo era só luta com gado, tirando capim botando pra eles. Alimpar cajueiro, tudo era na enxada. Minha vida era tangendo jumento. Minha mãe trabalhava no Zuza e no Domiciano. Quando ela ia, morava um bocado de tempo naquela casa, aí o pessoal naquele tempo qualquer coisinha botava pra fora. Depois corria pra um lugar e ia pedir abrigo em outro. O trabalho era pela morada²⁴.

|91

Nas memórias de Seu Edmar, que trabalhava como alugado:

Eu comecei trabalhar alugado no Bom Jesus, onde hoje é Manoel Carneiro. Trabalhava pro Doca Zuza, que é parente do "Bentos" dos Algodões. Doca Zuza era casado com a Velha Maria, irmã do Zeca Tomás. Já sou vêim, já conheci muita gente aqui. O trabalho da gente pra ganhar essa merrequinha era capinando, tinha gado também, o seu Zuza, que era meu patrão²⁵.

Vemos mais uma vez na fala do entrevistado que o trabalho relacionava-se com a moradia e a sobrevivência. A fome persistia e as situações dos agregados, suas ações e atitudes andavam de acordo com suas necessidades.

²³ KHOURY, Yara Aun. *Narrativas orais na investigação social*. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10731/7963>. Acessado em 12/09/2018.

²⁴ Raimundo Xavier Braga. Entrevista já citada.

²⁵ José Edmar, 79 anos, aposentado. Morador nas terras do falecido José Pompílio Aragão entrevista realizada pela autora, em 16/09/2017 na residência do entrevistado.

Não era simplesmente um trabalho alienante, havia uma lida com um território e interesses envolvidos. Dona Rita Diniz afirma que “botava os pobres pra trabalhar e chamava era os nego [...]. Os Bentos eram os proprietários mais antigos, porque o dono era aquele que fazia uma casa e se apossava do terreno”²⁶.

A memória da comunidade acerca das histórias das casas grandes está sempre relacionada ao trabalho que os moradores, agregados e rendeiros desenvolviam, sendo que “os pobres trabalhavam só pela comida, e a roupinha era assim, estragada”²⁷. Como temos demonstrado, o trabalho estava relacionado especificamente às necessidades dos sujeitos históricos envolvidos. Uma das famílias mais influentes do Sítio Algodões, a família Gomes, também tinha sua forma de pagamento aos trabalhadores. Segundo José Ximenes:

Olhe, na Lanchinha um velho me contou, não sou mais menino não, já tô com 84 anos, você olhe que eu não estou mais menino não, o velho contava que trabalhava um dia aqui pros Gomes, pelo um litro de farinha e um litro de feijão, trabalhava pro Domiciano Gomes²⁸.

92 | As posses de terras de Domiciano Gomes eram muito extensas, ele tinha muitos agregados e trabalhadores. No interior do casarão, construído no ano de 1907 os móveis são de luxo e estão bem conservados. Um detalhe que chamou bastante nossa atenção foi um oratório bem detalhado dentro do quarto em que dormia o casal, uma casa de farinha muito grande e um engenho. Segundo a filha, as terras do falecido pai eram infindas. Desse modo:

Pensamos que as relações entre as pessoas não se davam apenas em nível de conhecimento parental consanguíneo, mas se ampliava para os moradores de uma localidade ou freguesia, especialmente entre aqueles de sua amizade e clientela²⁹.

É importante perceber que as relações e as posses de terras se ampliavam com o passar do tempo, com as mudanças territoriais, com as compras de terras e com o trabalho escravo. Fossem os trabalhadores de Zeca Tomás, José Pompílio Aragão ou Domiciano Gomes, todos estabeleciam alianças e

²⁶ Rita Diniz Ferreira. Entrevista já citada.

²⁷ Raimundo Xavier Braga. Entrevista já citada.

²⁸ José Ximenes, 80 anos, aposentado. Mora no distrito de Carmolândia. Entrevista realizada pela autora em 16/09/2017, na residência do entrevistado.

²⁹ SOUZA, Raimundo Nonato Rodrigues de. “Escravos e sociabilidades.” In: *“Minha riqueza é fruto do meu trabalho”*: negros de cabedais no Sertão do Acaraú (1709-1822). Fortaleza: Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará/ Programa de Pós-Graduação em História Social, 2015, p. 160-200.

relações com seus trabalhadores, através de acordos, de empréstimo de terras e até mesmo de assistência no momento das doenças.

Através da presença de móveis e detalhes nos casarões presentes no Sítio Algodões, na cidade de Alcântaras, é possível identificar que os proprietários tinham condições financeiras favoráveis, pois não seria qualquer pessoa que poderia adquirir móveis luxuosos. Na região em estudo, residiram grandes proprietários de terras, trabalhadores, moradores e rendeiros, que viam no trabalho um meio de vida e uma forma de negociar, de acordo com suas necessidades mais urgentes. Uma informação importante a ser problematizada é que estes proprietários de terras e dos casarões do Sítio Algodões foram dos primeiros a exercer o poder do voto. Segundo o memorialista Juvenal Ferreira de Souza:

Ao findar-se o período de submissão à Meruoca, o aldeamento São José, pertenceu 14 anos a Sobral (1920 a 1934) tempo que alguns são-joseenses começaram a votar. Os primeiros eleitores, que iam, a cavalo, votar em Sobral, foram os cidadãos: Doca Zuza, José Tomaz, João Zuza, Antônio Guilherme de Alcântara e deste, o irmão Guilherme dos Reis de Alcântara Neto. Vale salientar, que durante todos esses anos, Sobral nada fizera pelo povo e o Sítio São José, porém, o mal não fizera³⁰.

|93

E são justamente estes nomes que prevalecem nas memórias dos moradores do Sítio Algodões: Doca Zuza, Zeca Tomás, Seu Pompílio (Zuza), Domiciano e Bento, Albuquerque. Percebemos também que o poder e o direito ao voto não se estendia aos trabalhadores, que já vivendo em um período em que se buscava a democracia, não usufruíam dela, isso demonstra que ela não chegou do mesmo modo em todos os espaços e para todos os sujeitos.

É importante também se levar em consideração as próprias estratégias que esses trabalhadores desenvolviam com o seu trabalho e com a fidelidade mantida a seu patrão, bem como os interesses do patrão em manter estes trabalhadores em suas terras e trabalhos. Na fala dos entrevistados, é comum falarem "Padrinho Zuza", "Madrinha Julieta", assim como perceber na fala um sentimento de gratidão aos seus patrões.

Vemos que por mais que as condições de trabalho fossem adversas e o ganho fosse pouco, esses trabalhadores procuravam agir de acordo com seus interesses e o fato de serem moradores, agregados ou rendeiros, não os colocavam sempre em uma situação inferior que a dos donos de grandes propriedades. Havia, portanto, uma relação de troca.

³⁰ Juvenal Ferreira de Sousa – Livro sobre Alcântaras ainda não publicado.

Fontes orais

Raimundo Xavier Braga, 65 anos, agricultor, morador no casarão do falecido Zeca Tomás. Entrevista realizada em 16/09/2017.

Kátia Nunes da Silva, 58 anos, esposa de Raimundo Xavier Braga, moradores do casarão do falecido Zeca Tomás, entrevista realizada em 16/09/2017.

Rita Diniz Ferreira, 77 anos, aposentada. Moradora nas terras do falecido José Pompílio Aragão entrevista realizada em 16/09/2017.

José Edmar, 79 anos, aposentado. Morador nas terras do falecido José Pompílio Aragão entrevista realizada em 16/09/2017.

José Ximenes, 80 anos, aposentado. Mora no distrito de Carmolândia. Entrevista realizada em 16/09/2017.

Fonte escrita

Juvenal Ferreira de Sousa – Livro sobre Alcântaras ainda não publicado.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355